



### Amaveis, prodigiosos porcos!

Ha um tratado antigo, que os escolheu para assumpto e se intitula *A minha Porcaria*; sacrificando, por este modo, aquelle, que o escreveu, os seus merecimentos de auctor, ao gosto que teve de armar um titulo de tanta galhofa! Ahí se refere, estar calculada a fecundidade maravilhosa d'esses animaes. Não é senhora uma pessoa de ouvir contar em boa verdade o que d'elles resa a historia, sem estremecer de pasma... Já, n'um relatório de mistress Sarah Trimmer, se afirmou, authenticamente, haver em Londres um porco, que sabia ler. Vem dizendo entre outras conceituosas noticias, essa escriptora, que, collocando-se dois alphabets, de grandes letras de papelão, em cima de uma taboa de boa largura, e convidando-se alguma das pessoas presentes a pronunciar a palavra que o porco houvesse de arranjar com as diferentes letras, logo o animal, tão depressa o dono lhe repetisse o termo, pegava com os dentes nas letras necessarias e as dispunha por maneira que a palavra saísse completa. Se lhe perguntavam:

— Que horas são?

Olhava elle primeiro para um grande relógio de parede, com a gravidade de quem sabe apreciar o tempo...

Havia uma pausa de perfeita anciedade, como é facil suppôr.

E, logo, elle, indo-se ás letras de que carecia para indicar as horas e os minutos, se desempenhava d'aquelle apuro como um homem, a bem dizermos!

Quando o senhor D. João VI, de uma occasião, esteve doente, logo uma das pessoas de mais representação da côrte lhe avivou a lembrança de que o rei Luiz XI, em se sentindo incommodado de saude, apreciava muito para se distrair, uma celebreria, que para este monarcha se havia inventado, qual era a de fazer dançar e saltar bacorinhos, na sua presença, ao som de gaita de folles. Não quero agora afirmar isto, mas, quasi que tenho uma lembrança, de me haverem dito haver sido o velho e nobre marquez de Resende quem apparecera no paço, a suscitar a idéa de se renovar aquella galanteria historica. E quando se pensa, que o sombrio e cruel Luiz XI, o mais temido dos reis, e o mais inconcebivel dos homens, tivesse grande gosto em assistir a uma tal funcçanata, que muito é para admirar, que a dança dos bacorinhos lograsse tambem dar gosto ao nosso bom monarcha?

O espirito de imitação, que aliás foi sempre um dos distinctivos mais importantes do talento dos portuguezes, principiou logo depois a fazer das suas, se é certo o que a tal respeito consta, — isto é, que chegasse a haver idéa de fazer executar uma cantata por leitões, armando-se uma especie de meza com escadas dos lados, instrumento, cujo teclado correspondesse aos degraus por vardasquinhas, que açoitavam os porquitos na sua passagem, mercê de habil machinismo, obrigando-os a guinchar por sua ordem e consonancia.

Ah! são raros, raros!

Lá conta o Varrão, o famoso Torrencio Var-

rão, que, a marrã de Eneas, teve, de uma vez, em Lovinium, trinta bacorinhos; trinta annos depois, os habitantes de Lovinium edificaram a cidade de Alba, e, não falta quem affirme, que esse acontecimento justificou o presagio, que se havia tirado, do nascimento dos porquinhos. Acrescenta o Varrão, que, em Lovinium, se ficaram mostrando, em exposição publica permanente, as estatuas dos bacorinhos em bronze, muito bem feitas.

Por gosto se falla n'isto; muito mais, desde que o visconde de Rio Sado poz a carne de porco ao alcance das posses do povo, reconhecendo de certo, como Fernão Mendes Pinto, no capitulo CVII das *Peregrinações*, que sejam «verdadeiros bens, que Deus creou na terra e pelo que o seu nome seja bendito para sempre, o haver logeas cheas de lacuens, marrans, chacinhos, porcos...» Olé!...

O visconde Antonio Feliciano de Castilho, ao qual, por delicado sentir, repugnou sempre que se matassem as aves tolhendo-lhes a liberdade e o vôo á força de tiro, para as comer assadas ou de friccassé: que se matasse o boi, animal tão nobre e tão util, para o talhar em bifés ou destinal-o a fricandó: que, do cavallo, tão gentil e poeico, companheiro do homem na elegancia e na guerra, se atrevesse alguém a querer fazer panella, — não punha escrupulo em trincar com delicia a loira costeleta de porco assada, em machucar o pão no alto e amplo toucinho, em misturar com as couves da Lombardia a saborosa orelheira, e com o feijão branco da nossa terra o farto e gostoso chispe: e dizia, *á bocca cheia*, que o porco nasceu para ser comido, por ser feio e grotesco, e não offerecer prestimo de utilidade que não seja o da paparoca.

Todos os annos dão os jornaes noticia de quanto pesa o porco este, ou o porco aquelle, que venha para a rua da Prata, — ou para outra rua, porque não ha de, aquella, ter o privilegio dos porcos de boa marca; nunca ahí fui observal-os, e não sei, por isso, se a sua gordura tem devéras sido disforme; é, porém, notorio haver porcos, que engordam tanto, que os ratos pequeninos lhes vão fazer tócas no coiro e alli se alojam por aquella espessura dentro sem que o incontinente animal dê sequer por elles!

O que admira então, que, esse homensinho, que a estampa representa, achando-se entre dois porcos, que pareciam querer escapar-lhe, se agarrasse ao rabo de um e a uma perna do outro, com a ancia, a furia, a vehemencia, o ardor, de quem, para a não deixar fugir, se agarra á fortuna, ... que não é muitas vezes mais acieada que elles!?

JULIO CESAR MACHADO.



## AS PERGUNTAS DE SUSANA

POR EMILIO DESBEAUX

(Continuado do numero antecedente)

Susana saltou ao pescoço do avô, para o beijar, e depois sentou-se-lhe nos joelhos, que era o seu logar habitual.

— Vaes dizer-me, avôsinho, o motivo porque cahe neve.

O sr. de Beaucourt fingiu uma cara muito admirada, e para se divertir com a querida netinha, respondeu:

— Porque motivo cahe neve...? eu não sei, filha.

— Não sabes, tu que sabes tudo?... — exclamou a pequenita em tom desgostoso — é lá possível!

Mas reparando que o bondoso velho não podia esconder um sorriso, acrescentou, dando-se ares de gravidade:

— Ah! está-me a parecer que o sr. meu avô acaba de pregar uma mentira, e bem sabe que mentir é uma coisa muito feia!

E mudando logo de tom, ajuntou com meiguice:

— Oh! eu logo vi que tu sabias a razão porque cahe a neve. Dá-me a explicação, avôsinho, que prometto ser muito bonita.

O sr. de Beaucourt começou a rir.

— Pois sim — redarguiu elle — vou explicar-te o que desejas, mas não é muito facil e receio...

— Que eu não entenda? Pois vamos a ver isso.

— Bom; a neve cahe porque faz frio.

A carinha encantadora de Susana denunciou uma grande admiração.

— O avôsinho — disse ella — foi isso mesmo que me respondeu a Luiza. Será possível que tu não saibas mais do que ella?

— Espera. É muito de crer que a Luiza não saiba a razão porque faz frio, em quanto que eu...

— Ah! tu sabes, não é verdade? — exclamou Susana, batendo as mãos. — Dize-me então porque faz frio.

— Agora não, minha curiosa; passaríamos aqui toda a manhã. Vou unicamente responder á tua primeira pergunta.

— Pois sim; explica-me então porque cahe a neve — disse Susana, ficando muito attenta.

— Tens visto algumas vezes cahir agua em cima do lume, e immediatamente formar-se uma especie de nuvem, que sobe para o tecto, não é verdade?

— Tenho, sim, avôsinho.

— Sabe então que toda a agua que está á superficie da terra se forma constantemente em vapores semelhantes.

— Mesmo sem ter lume por debaixo?

— Sim.

— Mas esses taes vapores não se vêem!

— Tens razão. Não se vêem de ordinario, mas quando se elevam para o ar, quando che-

gam a um sitio mais frio que a terra, juntam-se todos uns aos outros, unem-se muito bem unidos, e então já os podemos ver. Percebes o que eu digo?

— Percebo.

— Se percebes, dize-me então como se chamam esses vapores que se tornam visiveis.

— Nuvens.

— Muito bem, minha filha! — exclamou o avô, satisfeitissimo com a sagacidade de Susana.

— Entretanto, em determinados casos, podemos ver esses vapores logo que sahem da terra. Se n'uma tarde de verão estivermos no cimo de

— Convem que saibas que as nuvens mostram tres aspectos distinctos, que permite classificar-as sob os nomes de *cirrus*, *cumulus* e *stratus*. Os *cirrus* compõem-se de filamentos desligados, cujo todo parece umas vezes um pincel, outras uma cabelleira encrespada, e ainda outras um delicado tecido. O *cumulus*, que é uma nuvem de verão, mostra-se sob a forma d'um globo, ou da metade d'um globo. Algumas vezes, estas bolas amontoam-se umas sobre outras, e formam essas nuvens enormes que se nos afiguram elevadas montanhas brancas. Finalmente, minha



E depois sentou-se-lhe nos joelhos...

qualquer montanha, veremos de certo, á maneira que a temperatura fôr arrefecendo, formarem-se espessos vapores sobre os rios, sobre os regatos, e sobre os terrenos mais humidos. Se n'essa occasião se levantar algum vento, arrebatada logo para as altas regiões os vapores que vimos, e que então ficam sendo nuvens. Essas nuvens, batidas por diferentes correntes de ar que sopram lá nas alturas, mudam de forma a cada momento, apresentando ás vezes uns feitos bem extraordinarios.

— É verdade, avôsinho; — atalhou Susana — n'este verão vi uma nuvem que parecia mesmo um dromedario do Jardim de Acclimação, e outra muito semelhante á cabeça d'um homem, mas durou pouco tempo, transformaram-se logo n'uma grande massa branca, que não representava coisa nenhuma.

filha, o *stratus* é uma cinta que se forma geralmente ao pôr do sol e que desaparece quando elle nasce. Os *cumulus*, porém, é que mais se prestam a entreter-nos a imaginação, porque julgamos ver nos contornos d'essas nuvens diferentes objectos, como arvores, montanhas, e até, como tu disseste ha pouco, homens e animaes.

— E andam muito altos os taes *cumulus*, avôsinho?

— Conforme; algumas nuvens rastejam pela terra, em quanto que outras podem elevar-se até cincoenta kilometros. No cume das montanhas ha quasi sempre nuvens, provenientes dos vapores que sobem dos valles, e que se condensam, se unem uns aos outros no ar mais frio, porque o calor vae diminuindo á proporção que a terra se afasta. Nos paizes montanhosos, o aspecto phantastico que as nuvens apresentam ás vezes,

tem feito nascer idéas absurdas, temores ridiculos ao povo pouco illustrado.

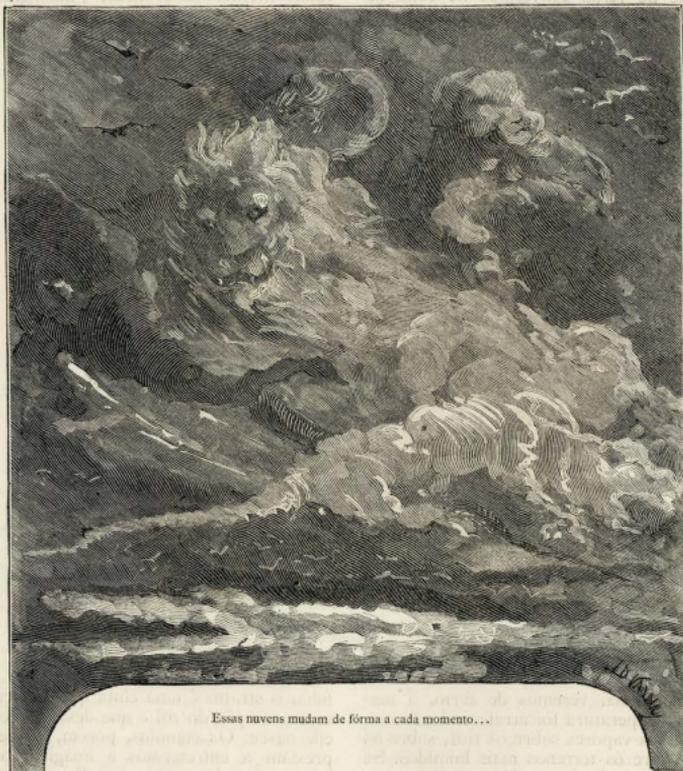
— Ora essa! — exclamou Susana — pois ha gente que tem medo das nuvens?... Mas diz-me, avôsinho, é muito grande uma nuvem?

— Conforme. Ha algumas enormes, que têm mais de trinta kilometros de comprimento, com uma espessura de mil metros. Em compensação, ha outras que não passam de alguns metros.

— É a chuva, não é verdade? — interrompeu a Susaninha.

— Justamente, minha filha, é a chuva. E se essas gotas de agua atravessam, ao cahirem, algumas correntes de ar muito frias, gelam e tornam-se em pequeninas bolas de neve, a que se chama graniso.

N'este momento a neve recommçou a cahir lá fora em grandes flocos.



Essas nuvens mudam de forma a cada momento...

— São nuvens bebés — disse Susana.

Aquella reflexão deu a conhecer ao sr. de Beau-court que a sua netinha o escutava com attenção; por isso, continuou:

— Fallei-te das nuvens, porque são ellas que produzem a neve, o graniso e a chuva. Quando o ar, já bastante frio, em que fluctuam os vapores de que fallámos ha pouco, arrefece ainda mais, esses vapores unem-se entre si, *condensam-se*, que é a expressão scientifica, e transformam-se em pequeninas gotas d'agua, sufficientemente pesadas para vencerem a resistencia que o ar oppõe á sua queda até á terra.

— E aquillo? — interrogou Susana, apontando para a janella, como insistindo na sua primeira pergunta.

— Lá vamos. Se o ar que rodeia as nuvens arrefecer extremamente, as nuvens ficarão geladas e transformar-se-hão n'uma especie de poeira gelada, cujo peso a obrigará a cahir na terra. Esta poeira gelada...

— É a neve! — interrompeu Susana, impaciente.

— Adivinhaste: é a neve.

Susana poz-se a reflectir um momento, e disse depois repentinamente:

— Mas para que servem as nuvens?

O bondoso velho, habituado ao caracter investigador da sua netinha, não se enfadou e respondeu tranquillamente:

— No verão servem para temperar ou diminuir o ardor do sol; no inverno, evitam que a terra esfrie demasiadamente, porque se interpoem, como se fossem um véu, entre o nosso mundo e os espaços celestes, que, sem isso, lançariam sobre nós a sua temperatura sempre fria. Finalmente, as nuvens produzem a chuva, o que é uma coisa importantissima, porque, se não fosse a chuva, a terra ficaria secca como um ca-

— Para o avôsinho ser muito bonito — accrescentou ella — ha de explicar-me o que é o frio, e a razão porque faz frio.

— Deixa-me tomar o folego, minha incorrigivel curiosa. Além de que, é a hora do almoço — disse o sr. de Beaucourt.

De facto, um criado veio annunciar que o almoço estava na meza.

— E o mesmo, ficará para depois do café! — disse Susana, pegando na mão do seu querido avô e conduzindo-o para a casa de jantar.

(Continúa)



A neve recommçou a cahir em grandes flocos...

rapau, morreriam as plantas, e os animaes, n'uma palavra, acabava-se o mundo.

— É então um meio que Deus achou para regar a terra — observou Susana.

O sr. de Beaucourt sorriu-se.

— Admiro-me — disse elle — que não me perguntes: E a neve para que serve?

— Tinha já debaixo da lingua essa pergunta, avôsinho.

— Pois então sabe que a neve é muito util; sim, sim, muito util, — repetiu o sr. de Beaucourt, vendo que Susana abria muito os olhos. — Em primeiro lugar, refresca a terra melhor do que a chuva; em segundo lugar, contém substancias que penetram no solo e servem para fazer crescer as plantas; destroe uma grande quantidade de insectos damminhos, e impede que o frio se introduza demasiadamente na terra.

— Essa agora, avôsinho! — exclamou Susana — então a neve é fria e não deixa que o frio faça mal á terra?!

— Sim, sim, tontinha; a neve é uma especie de cobertor que preserva o solo do grande frio cá de fóra. E fria, como tu dizes, mas defende a terra d'um frio ainda maior. Já vês que lhe serve de grande utilidade.

— Percebo agora! — murmurou a Susaninha.

## ABAIXO A PALMATORIA!

COMEDIA INFANTIL EM 1 ACTO

(Continuado do numero antecedente)

SCENA VI

CLOTILDE e depois JULIO

*Clotilde* (sentada á janella) — Ora a minha vida! Se me tiro d'aqui, o demonio da velha é capaz de chamar o bruto do gallego. O peor é que d'aqui a pouco vem brincar para o jardim os rapazes do collegio alli defronte. Se me vêem com orelhas de burro, fazem-me uma çaçoada enorme...

*Julio* (no jardim) — Ó Clotilde!

*Clotilde* (assustada) — Jesus!

*Julio* — Esse chapeu é da ultima moda?

*Clotilde* — Ah! és tu, Julio!

*Julio* — Tira isso da cabeça.

*Clotilde* — E o Alonso?

*Julio* — Quem é o Alonso?

*Clotilde* — É o gallego.

*Julio* — Mas quem é o gallego?

*Clotilde* — É o Alonso.

*Julio* — Estás tola.

*Clotilde* — Estou mas é presa.

Julio — Presa ?

Clotilde — Sim ; o demonio da mestra met-teu-me aqui e fechou a porta á chave.

Julio — Espera ahi, que eu vou fazer-te companhia.

Clotilde — Tem cuidado, mano ! Olha se quebra o ramo da arvore !

Julio <sup>(saltando pela janella)</sup> — Para alguma coisa ha de servir a gymnastica.

Clotilde — Como estou alegre por te vêr ao pé de mim !

Julio — Tambem eu, manasinha ; mas tira lá esse enfeite, que me faz mal aos nervos. <sup>(Arranca-lhe as orelhas de burro.)</sup>

Clotilde — E se vier a mestra ?

Julio — Se vier, enfio-lh'o na cabeça, que lhe deve ficar até muito bem.

Clotilde <sup>(rindo)</sup> — Isso é que tinha graça !

Julio — Mas porque estás de castigo ?

Clotilde — Ora ! porque fiz cahir a velhota, dando-lhe um encontrão sem querer. De mais a mais, eu tambem cahei.

Julio — Ah ! cahiram ambas ? então deviam estar ambas presas. A lei é igual para todos, como diz o papa.

Clotilde — Que saudades que eu tenho d'elle, e da mamã ; são tão nossos amigos !

Julio — Tomára já cá as ferias ! Então é que ha de ser uma pandega !

Clotilde — Tambem te aborreces no teu collegio ?

Julio — Não é por me aborrecer ; mas é que sabe bem passar uns dias na companhia de nossos paes. Ino collegio não ha orelhas de burro ; ha bons conselhos dos professores, muita paciencia para nos explicarem o que não sabemos ; ha premios para os que mais estudam, distincções a quem as merece.

Clotilde — E palmatoria ?

Julio — Palmatoria ! Isso só se encontra hoje no museu do Carmo.

Clotilde — E tambem cá no collegio.

Julio — Esta casa cheia a simonte ! Palmatoria, orelhas de burro . . . Mas como demonio hão de vosses aprender alguma coisa ? !

Clotilde — Olha, Julio, parece-me que tens razão : quanto mais me batem, quanto mais me atormentam, menos vontade tenho de aprender. Estudo sempre as lições de a medo ; decoro-as como um papagaio, sem perceber uma palavra. Ao menor erro : «dê cá a mão, menina» e zaz ! <sup>(dá uma palmada na mão)</sup> ou : «ponha-se de joelhos!» A minha vontade !

Julio — Tenho dó de ti, Clotilde. No meu collegio consegue-se tudo pelo estímulo. O bater é só para os cães. Olha, eu agora sou o capitão da minha classe. Mas isto não se alcança pelos nossos bellos olhos : é necessário estudar muito, ter sempre boas notas durante um mez, e no fim entrar n'um certamen que os alumnos melhor classificados. Do Mesquita é que eu tenho medo, que é um bello estudante ; mas venci-o ! Ficou damnado, o pobre rapaz, por passar a tenente. Diz que me ha de vencer para o mez que vem. Veremos ! . . .

Clotilde — Coragem, capitão !

Julio — Coragem, sim ! Olha que ser capitão é alguma coisa. Tem muitas honras e regalias. A meza pertence-lhe o lugar principal ; quando algum rapaz commette uma falta leve, basta elle interceder para ser perdoado, e por isso todos o estimam ; os professores tratam-no com deferencia, em summa, não ha distincção que lhe não facam.

Clotilde — Ai ! quem me dera ser capitão ! Mas isto aqui é outra coisa : pancada e mais pancada. E é justamente o que me espera hoje.

Julio — Porque ?

Clotilde — Porque a mestra disse-me que eu não sahiria d'aqui em quanto não soubesse as lições ; ora eu não estudei ainda nem uma linha, e quem pode estudar com orelhas de burro ? de modo que se ella apparece, e de certo não tarda ahi, e vê que eu nada sei, apanho a minha conta.

Julio — Não apanhas !

Clotilde <sup>(sorrindo)</sup> — Porque, capitão ?

Julio — Porque me está lembrando fazer uma partida á figurona da tua mestra.

Clotilde — O que é ?

Julio — Nós somos muito parecidos, o que não admira ; demais a mais, a velhota é alguma coisa pitosca . . .

Clotilde — E então ?

Julio — Então, tu emprestas-me o teu fato, e eu dou as lições em teu logar. Olha que não sou capitão por favor.

Clotilde <sup>(rindo)</sup> — Ah ! ah ! ah ! isso é que tinha muita graça ! E d'esse modo livro-me de estar aqui presa, e posso ir brincar com as minhas companheiras.

Julio — Pois então salta o vestido !

Clotilde <sup>(receiosa)</sup> — Mas se a D. Engracia dá com a marosca ?

Julio — Qual dá ! Vamos, mãos á obra ! Despe lá o vestido.

Clotilde — Não, este não.

Julio — Então como ha de ser ?

Clotilde — Vou-te buscar outro alli ao meu quarto.

Julio — Como quizeres. <sup>(Clotilde entra na porta da D.)</sup> Esta scena não ha de ser má. Eu então que nunca tive geito para rapariga !

Clotilde <sup>(voltando)</sup> — Aqui tens. <sup>(Dá-lhe um vestido)</sup>

Julio <sup>(enfiando uma das mangas)</sup> — Como demonio se veste esta coisa ?

Clotilde — Espera, rapaz. Despe ao menos a jaleca.

Julio — Vá lá.

Clotilde <sup>(ajudando-o a vestir o vestido)</sup> — Se os teus collegas te vissem . . .

Julio — Que troça me faziam !

Clotilde — O sr. capitão vestido de mulher !

Julio — Não me digas isso outra vez ! olha que já não quero . . .

Clotilde — Prompto. Estás mesmo uma menina.

Julio <sup>(dando-se ares de menina)</sup> — Ó sr.ª D. Engracia, já acabei o meu *crochet*. — Ó menina Maria, empresta-me uma agulha, que eu parti a minha ?

Clotilde <sup>(rindo)</sup> — Ai que demonio de rapaz !



OS PATINADORES À VELA

*Julio* — Agora chama a D. Engracia, e esconde-te.

*Clotilde* — Ainda te falta uma coisa.

*Julio* — O quê?

*Clotilde* — As orelhas de burro.

*Julio* — Isso é que eu acho forte de mais!

*Clotilde* — Tem paciência, Julio. (Põe-lhe as orelhas de burro.)

*Julio* — Este capacete não pertence ao uniforme de capitão, mas enfim... Chama lá a velha.

*Clotilde* (gritando) — Senhora D. Engracia! Senhora D. Engracia, faz favor de vir cá! Já sei as lições. (A Julio) Toma lá este livro.

*Julio* — Que ratice! um burro a lèr!

*Clotilde* (gritando) — Senhora D. Engracia!

*Julio* — Sinto passos. Esconde-te. (Clotilde esconde-se atrás do panno da meza.)

(Continúa)

MATTOS MOREIRA.

## OS PATINADORES

Felizmente, no nosso ameno Portugal, onde os frios são pouco intensos, exceptuando a serra da Estrella, difficilmente se podem executar os exercicios de patinagem. Esses exercicios effectuam-se sobre as aguas geladas dos rios e dos lagos, e no nosso paiz é muito raro que se convertam em gelo as grandes massas de agua. Outro tanto não succede nos paizes do norte; ahi gelam todos os rios, e na Russia o proprio mar, o que é de grande transtorno para o commercio, porque se interrompe a navegação, succedendo não poucas vezes ficarem os navios presos nos gelos.

Quem sempre viveu em Portugal, principalmente ao sul do reino, mal sabe apreciar este clima abençoado!

Fallemos, porém, da patinagem, meus queridos meninos, que é o fim do nosso artigo.

Nas grandes capitães do mundo civilizado, apenas gelam as aguas dos seus lagos, situados em formosos parques e jardins, dezenas e dezenas de pessoas de todas as classes, sexos e edades, correm a entregar-se ao prazer da patinação. Collocam nos pés unsapparehos de madeira e aço, como se podem ver na nossa gravura, e deixam-se escorregar por sobre o gelo. Precisa-se para isto de muita agilidade e equilibrio. As pessoas já bastante habituadas áquelle agradável exercicio, fazem verdadeiras maravilhas. Correm com extrema velocidade em todos os sentidos, dando voltas rapidas, descrevendo curvas, ás vezes servindo-se só d'um pé, avançam, recuam, acorram-se, param, em summa, cada qual executada o que lhe permite a agilidade e lhe suggere a phantasia.

A multidão que se apinha nas margens do lago applaude com enthusiasmo, e fazem-se varias apostas.

Quando os patinadores são bastante experimentados, organisam entre si, homens e senhoras, uma quadrilha, e dançam-na com a maior perfeição.

Fazem tambem um exercicio muito galante e gracioso: servindo-se da ponta do patim, formam no gelo diversos desenhos, e escrevem o nome da senhora que mais respeitam ou estimam.

Estou a adivinhar, meus juvenis leitores, que vos fiseis com os olhos e vos cresce a agua na bocca com a idéa de assistirdes a um d'estes espectaculos e tomardes parte n'elle. D'accordo; mas notae que nem tudo são rosas, tambem ha espinhos. Se o patinador é habil e experimentado, perfeitamente; mas se é novato e desgeitoso, cahe a cada passo; levanta-se, quer equilibrar-se, a neve escorrega, e torna a cahir, tomando as posições mais comicas e ridiculas. Então os espectadores desatam ás gargalhadas, dirigem-lhe ditos engraçados, offerecem-lhe a mão... de longe, dizem-lhe que não dê tanto sêbo nas botas, e mil chocarrices, que desesperam o desastrado patinador. São os ossos do officio.

Ha poucos annos, conforme representa a nossa gravura, inventou-se a patinação á vela. No Canadá, onde o enthusiasmo por este exercicio é extraordinario, principalmente nas classes aristocraticas, aproveitaram logo o novo invento.

Basta olhar com attenção para a estampa para se comprehender como á vela é empregada.

Terminarei dizendo que tambem se pode patinar n'uma sala, cujo sobrado seja bem liso. Os patins tem uns rodizios de aço, que facilitam as corridas. Experimentem, meus amiguinhos, mas primeiro... forem as costas com algodão em rama.

## ALEGRIAS

Um sargento reformado foi um dia visitar o hospital da Estrella. Acercou-se de uma das camas da enfermaria e perguntou ao doente:

— Então que tens tu, meu rapaz?

— Dizem que tenho uma febre typhoyde, meu sargento.

— O' diabo! isso é serio. É um raio d'uma doença que, ou nos mata, ou nos deixa idiotas. Conheço-a muito bem; já a tive!

Um sugeito devia 100.000 réis a outro. Um dia procurou-o e disse-lhe:

— Passe o recibo; trago-lhe aqui o seu dinheiro.

O homem passou o recibo, e encontrando só 50.000 réis, observou:

— Falta o resto.

— Não falta nada —olveu o outro. — Como vossê tem só um olho, é por isso que vê só metade do dinheiro.

Que peça!

## UMA VELA QUE NÃO ARDE

Querem que lhes ensine uma brincadeira inoffensiva, muito propria da época em que vamos entrar, o carnaval? É muito simples. Os meus meninos descascam um rabano, espetam-lhe n'uma das extremidades o bocado d'um prégo, para fingir o pavio já servido, e mettem n'um castical, ou n'uma palmatória, a vela fingida. É perfeita a illusão. Depois, pedem á mana, ou á priminha, ou mesmo á criada, que lhes accenda a vela. Gasta-se um phosphoro, dois, tres, e o pavio não se quer accender. «Ora esta!» «Que será!» «Estará molhado?» Até que descobrem o engano. Então é permitida a gargalhada.

Experimentem.

## CORRESPONDENCIA

PORTO — Carlos... — Muito lhe agradecemos, meu menino, o enthusiasmo que mostra pelo nosso jornalinho, demonstrado não só nas amáveis expressões que nos dirige, como nas dez assignaturas que teve a bondade de angariar entre os seus collegas, e que nos remetteu.

LISBOA — Ignotus... — O artiguinho que nos mandou não pôde servir para um jornal dedicado á infancia. A par de algumas observações muito justas, encontramos outras demasiado philosophicas. Desculpe.